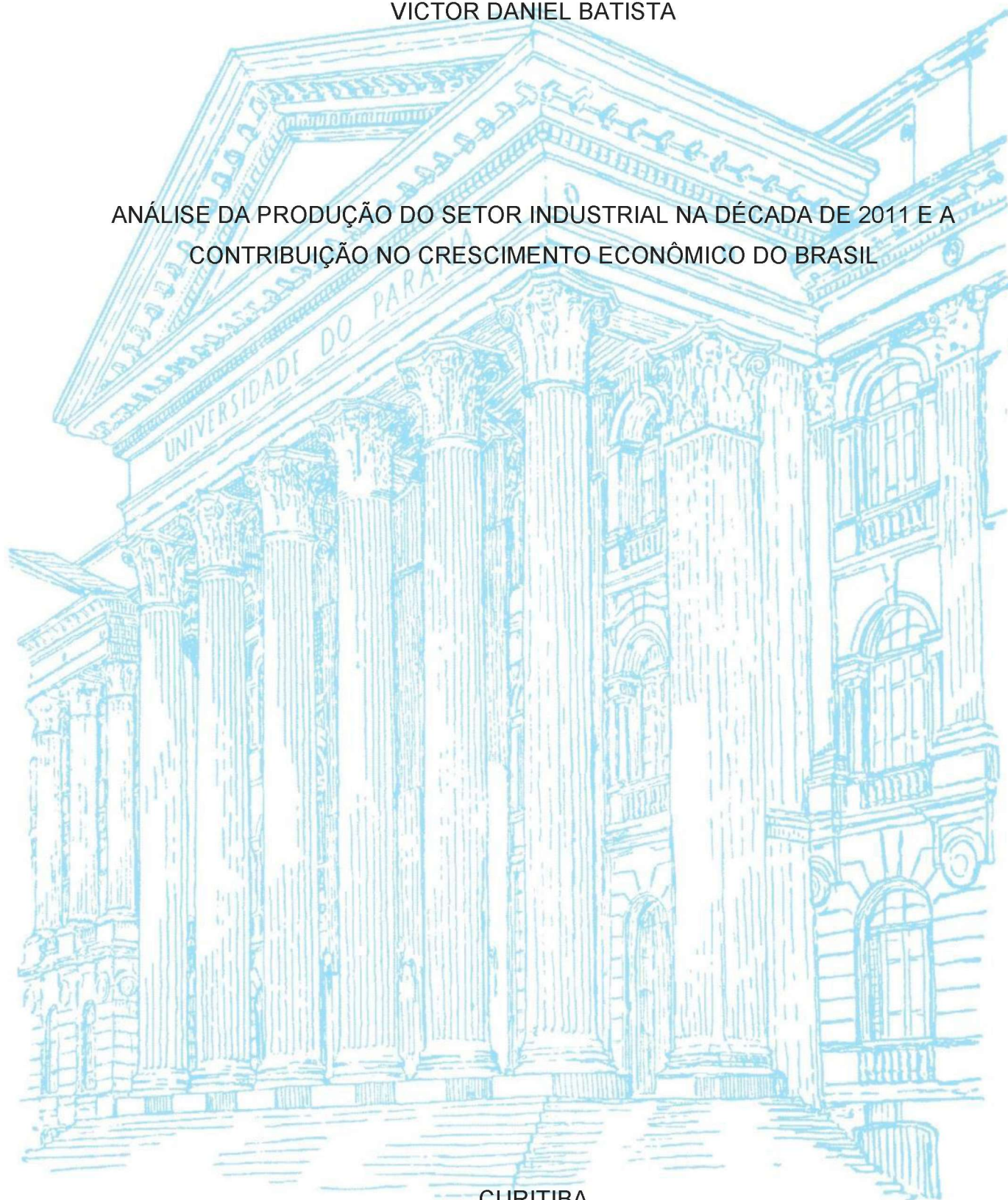


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VICTOR DANIEL BATISTA

ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO SETOR INDUSTRIAL NA DÉCADA DE 2011 E A
CONTRIBUIÇÃO NO CRESCIMENTO ECONÔMICO DO BRASIL



CURITIBA
2021

VICTOR DANIEL BATISTA

ANALISE DA PRODUÇÃO DO SETOR INDUSTRIAL NA DÉCADA DE 2011 E A
CONTRIBUIÇÃO NO CRESCIMENTO ECONÔMICO DO BRASIL

Monografia apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Ciências
Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas,
Universidade Federal do Paraná

Orientador: Prof. Dr. José Guilherme Silva Vieira

CURITIBA

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, que me ajudaram muito nessa jornada, sem vocês essa jornada não teria sequer iniciado.

Agradeço a minha parceira, amiga e namorada Melissa Fadelli que me apoia não só na faculdade, mas em todos os meus objetivos do dia a dia. Você tornou essa jornada mais fácil

Agradeço a Universidade Federal e aos professores pelos ensinamentos e orientações durante o curso. Sou muito grato por ter recebido tamanho conhecimento de forma gratuita.

Por fim, agradeço a mim mesmo por ter tido coragem e iniciativa de sair do conforto de casa, da cidade e do lugar onde eu nasci para estudar e trilhar uma nova vida em uma cidade desconhecida, posso afirmar que valeu a pena.

RESUMO

Nos acostumamos a ver a indústria nacional como propulsor do crescimento e desenvolvimento econômico do Brasil. Porém na última década esse setor vem perdendo força, assim como a economia brasileira no geral. Esse trabalho busca analisar de fato qual foi o desempenho da produção do setor industrial na década de 2011, entender quais os subsetores da indústria tiveram melhor e pior desempenho e entender se de fato esse setor foi o principal responsável pela estagnação do crescimento econômico brasileiro. Para isso é analisado dados primeiramente da economia brasileira no geral para identificar se de fato ocorre uma estagnação do crescimento. Como o foco do trabalho é entender a participação da indústria no PIB nacional, também é analisado dados da produção desse setor para entender seu desempenho e por fim é feito comparações tanto com outros setores da própria economia brasileira quanto com o setor industrial mundial a fim de analisar se seguimos uma tendência mundial.

Palavras-chave: Crescimento econômico brasileiro. Estagnação Econômica. Produção industrial.

ABSTRACT

We are used to seeing national industry as a driver of economic growth and development in Brazil. However, in the last decade this sector has been losing strength, as well as the Brazilian economy in general. This work seeks to analyze the fact which was the performance of the production of the industrial sector in the decade of 2010, understanding which subsectors of the industry had the best and worst performance and meaning if this sector was the main responsible for the stagnation of the Brazilian economic growth. For this, data from the Brazilian economy in general is analyzed first to identify whether there is in fact a stagnation of growth. As the focus of the work is understood as the participation of the participation in the national GDP, data on the production of this sector is also analyzed to understand its performance and, finally, comparisons are made both with other sectors of the Brazilian economy and with the world industrial sector in order to analyze if we follow a global trend.

Keywords: Brazilian economic growth. Economic Stagnation. Industrial production

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	CRESCIMENTO ECONÔMICO E ESTAGNAÇÃO	9
2.1	CONCEITO DE CRESCIMENTO ECONÔMICO	9
2.2	CONCEITO DE ESTAGNAÇÃO ECONÔMICA	11
2.3	CRESCIMENTO ECONÔMICO DO BRASIL NO PERÍODO 2011 – 2020	13
3	A INDÚSTRIA BRASILEIRA NO PERÍODO 2011 – 2020	15
3.1	DESEMPENHO DO SETOR INDUSTRIAL NO PERÍODO 2011 – 2020	15
3.2	INDICADORES INDUSTRIAIS	18
3.3	SETOR INDUSTRIAL NACIONAL VERSUS SETOR INDUSTRIAL MUNDIAL ..	20
4	ANÁLISE DO SETOR INDUSTRIAL SOBRE O PIB	21
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
	REFERENCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

Em 2020 o Brasil encerrou uma década que começou com euforia econômica pelo aquecimento do mercado externo e terminou com um dos piores desempenhos de crescimento econômico anual da história. Entre os anos de 2011 e 2020, marcados por incertezas políticas, um novo impeachment e ainda passando por uma pandemia, o Brasil teve crescimento médio de 0,3% ao ano. Para se ter base de comparação, na década de 1980, chamada de década perdida, o Brasil teve crescimento médio de 1,6% ao ano. Podemos considerar esse um cenário de estagnação econômica.

A indústria brasileira, setor vital nos anos de forte crescimento, vem deixando de ser competitiva em diversos aspectos e vem reduzindo sua importância na economia mundial. Enquanto o mundo vive uma nova revolução industrial com a digitalização de processos e incremento de inteligência artificial, o Brasil parece estar na contramão, tendo o setor de alta tecnologia liderado o encolhimento do setor segundo a FIEP (2019).

Esse trabalho tem como objetivo analisar o desempenho da produção do setor industrial entre os anos de 2011 e 2020, entender sua contribuição para o PIB nacional e verificar se esse setor foi de fato o grande responsável pela estagnação do crescimento econômico do país na década.

A Seção 1 deste trabalho irá conceituar o crescimento econômico e mostrar como algumas correntes de pensamento abordam esse tema. Ainda nessa seção será abordado o conceito de estagnação econômica e também será apresentado dados da economia brasileira para verificar se de fato passamos por uma estagnação na década de 2011.

A Seção 2 traz o desempenho do setor industrial brasileiro e dos seus subsetores tanto em termos de produção quanto em termos de participação no PIB do Brasil. Nessa seção é possível verificar quais foram as taxas de crescimento do setor e qual subsetor teve destaque. Também é mostrado o desempenho da indústria pela ótica de indicadores de confiança empresarial e capacidade instalada. Por fim é feito uma comparação com o desempenho industrial mundial para saber de fato a relevância a nível global.

A Seção 3 traz a análise dos resultados levantados, das descobertas feitas durante a pesquisa e uma resposta ao objetivo do trabalho que é o de entender

a contribuição da indústria para o crescimento econômico. E por fim a Seção 4 traz as considerações finais sobre esse trabalho.

Esta pesquisa classifica-se como básica estratégia em relação à sua finalidade, pois busca aumentar o conhecimento sobre o tema proposto e deixar alicerces para que futuros pesquisadores possam se aprofundar no tema. Em relação aos seus objetivos é classificada como descritiva e exploratória pois busca estudar e descrever sobre um assunto teórico. Quanto à abordagem utilizada, ela se caracteriza como uma pesquisa qualitativa pois busca coletar e analisar dados. O método utilizado é o hipotético dedutivo e os procedimentos adotados para pesquisa serão pesquisa bibliográfica e pesquisa documental.

A análise do trabalho será baseada nos dados de volume e valores correntes das Contas Nacionais Trimestrais levantadas pelo IBGE e Banco Central, onde eu tenho acesso a participação de cada setor da economia na composição do PIB e histórico de produção a preços correntes e constantes. Todos os valores extraídos do IBGE e Banco Central utilizados nessa pesquisa estão a preços constantes de 2020. Também serão utilizados dados do International Standard Industrial Classification (ISIC) e disponibilizados pelo Banco Mundial para fazer a comparação entre países e regiões da economia global. O próprio banco nesse caso dolariza os valores para conseguir realizar a comparação.

2 CRESCIMENTO ECONÔMICO E ESTAGNAÇÃO

2.1 CONCEITO DE CRESCIMENTO ECONÔMICO

Na literatura econômica, existem algumas definições para crescimento econômico. Esse tema ganhou força e notoriedade principalmente após a Grande Depressão, onde surgiram algumas correntes de pensamentos acerca do tema.

Uma das correntes de autores que surgiram nesse período compreende ideias neoclássicas com Meade e Solow e também de inspiração keynesiana como os modelos de Harrod, Domar e Kaldor. Essa vertente definia a acumulação de capital como ponto principal para a promoção do crescimento econômico. (SOUZA, 2007 citados por Carneiro e Bagolin, 2012, p. 8)

Ainda se tratando dessa corrente neoclássica, o modelo de Solow é uma das mais discutidas. Ele apresenta como fontes de crescimento econômico a acumulação de capital, o crescimento da força de trabalho e as alterações tecnológicas (Moura; Xavier; Silva, 2011)

Solow demonstrou que o produto per capita é uma função crescente da razão entre capital e trabalho. A força de trabalho cresce a uma taxa natural (exógena ao modelo), razão por que é necessária uma quantidade de poupança per capita, que deve ser utilizada para equipar os novos trabalhadores com uma quantidade de capital per capita K , igual a dos outros trabalhadores. Outra parte da poupança deve ser usada para garantir a não depreciação do capital. (Moura; Xavier; Silva, 2011, p. 99)

Ainda segundo Moura, Xavier e Silva (2011) o modelo de Solow é passível de críticas por não explicar a natureza intrínseca do processo de transformação tecnológica.

Uma outra vertente de pensamento sobre crescimento econômico que vale a pena comentarmos é a Teoria do Crescimento Endógeno. Os modelos de crescimento baseados nessa teoria surgiram durante os anos 1980 e ganharam força com Paul Romer e Robert Lucas. Segundo Romer (1994), essa teoria sustenta que o crescimento econômico é o resultado principalmente de forças endógenas e não exógenas (externas).

Ainda sobre a teoria do crescimento endógeno Jones (2000) explica que a busca é por entender as forças econômicas que estão por trás do progresso tecnológico, em vez de considerar que o crescimento se dá por melhorias tecnológicas

automáticas e não modeladas, ou seja, exógenas, assim como acontece no modelo de Solow. Para ilustrar a tecnologia como fator endógeno ele discorre:

É a possibilidade de auferir lucro que leva as empresas a desenvolverem um computador que cabe na palma da mão, um refrigerante com apenas uma caloria, ou uma forma de permitir que programas de tevê ou filmes sejam passados na tevê de acordo com sua conveniência. Desse modo, melhorias tecnológicas e o próprio processo de crescimento são entendidos como um resultado endógeno da economia. (Jones, 2000, p. 81)

Uma terceira teoria de crescimento econômico que podemos comentar é de base exportadora, onde é dado papel principal as exportações de um país no cenário de crescimento econômico. Essas exportações representam papel crucial na determinação do nível de renda absoluta, por isso são o motor que começa o crescimento regional (North, 1977 citado por Lima et al, 2013, p. 101).

Esse conceito de base exportação pode ser empregado tanto para análises de regiões quanto de ramos de atividade. Segundo essa corrente, as rendas geradas pela demanda externa de bens e serviços estimulam as atividades locais e diminuem os custos de transação (Piffer, 2009)

Por fim, a teoria de crescimento econômico desenvolvimentista, coloca a industrialização de uma nação como ponto crucial para que haja crescimento econômico. Bresser-Pereira (2008) explica que essa teoria se identificou com a industrialização porque através dela acontecia a transferência de força de trabalho das atividades agrícolas e extrativas de baixo valor agregado para atividades de manufatura.

No Brasil essa corrente teórica ganhou força a partir dos anos 30 no governo de Vargas, onde o Brasil que era um país de exportações primárias dava os primeiros passos rumo à industrialização com a premissa de substituição de importações. Inclusive no Brasil foi desenvolvido o conceito de novo-desenvolvimentismo, que se baseia em um conjunto de propostas de reformas institucionais e de políticas econômicas, através das quais um país busca atingir o nível de renda de países desenvolvidos. A estratégia por trás desse conceito é a de incentivar a exportação de produtos manufaturados e através desse movimento, ter um ritmo de acúmulo de capital acelerado (Oreiro, 2012).

“No “modelo novo-desenvolvimentista”, portanto, o crescimento econômico é “puxado” pelas exportações e sustentado pelo investimento privado e público na expansão da capacidade produtiva e na infraestrutura básica.” (OREIRO, 2012, p. 29)

Como checado, a industrialização sempre foi peça chave para o crescimento econômico brasileiro. Não apenas em Vargas, mas posteriormente com Juscelino e nos governos militares. Com isso, observar o seu enfraquecimento nos últimos anos nos deixa receosos com o futuro do país.

Carneiro e Bagolin (2012, p. 6) Afirma que “O conceito de crescimento econômico é entendido como uma elevação contínua do produto interno bruto, tanto em termos globais como em termos per capita”.

É debruçado nesse conceito de crescimento econômico, como sinônimo de crescimento do PIB que continuaremos a análise do trabalho.

2.2 CONCEITO DE ESTAGNAÇÃO ECONÔMICA

Por definição a palavra estagnação remete a algo que está parado, sem fluir. Trazendo para o contexto econômico a estagnação de uma economia é a situação em que o produto nacional tem um crescimento muito pequeno.

Para nos ajudar no entendimento da estagnação podemos utilizar a teoria de ciclos econômicos abordada por diferentes economistas como Keynes, Schumpeter e Kondratiev. Em resumo, essa teoria enxerga o crescimento e desenvolvimento econômico dos países como ciclos onde se alternam fases de alta com crescimento e euforia e fases de baixa, ilustrada pela depressão e recessão. Um objeto de debate acerca desse tema é a duração desses ciclos e o que de fato faz com que a tendência do ciclo se modifique.

Segundo Sandroni (1999), Schumpeter, que é economista austríaco e um dos mais relevantes no debate sobre ciclos econômicos admitia a existência de ciclos longos (vários decênios), médios (dez anos) e curtos (40 meses) e que os estímulos para início de um novo ciclo após um período de recessão ou estagnação vem principalmente das inovações tecnológicas. Ainda segundo Sandroni (1999) para Schumpeter sem a inovação tecnológica promovida por empresários audaciosos a economia se mantém em um equilíbrio estático.

Kondratiev em 1926 demonstrou através de sua teoria, conhecida como ciclos de Kondratiev, a existência de períodos longos de crescimento econômico, seguidos

de períodos de acentuada recessão. O economista acreditava na repetição de padrões que se repetiam ao longo de um grande período de tempo (ciclo). Dentro da sua teoria ele demonstrou que a economia seguia um padrão de fases repetidas de crise, recuperação, prosperidade e estagnação. (IASA, 2005 citado por Ferreira, 2008, p. 17)

Keynes em seu capítulo 22 de A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda também discorre sobre o tema de ciclos econômicos:

Por movimento cíclico queremos dizer que, quando o sistema evolui, por exemplo, em direção ascendente, as forças que o impelem para cima adquirem inicialmente impulso e produzem efeitos cumulativos de maneira recíproca, mas perdem gradualmente a sua potência até que, em certo momento, tendem a ser substituídas pelas forças que operam em sentido oposto e que, por sua vez, adquirem também intensidade durante certo tempo e fortalecem-se mutuamente, até que, 293 alcançado o máximo desenvolvimento, declinam e cedem lugar às forças contrárias. (Keynes, 1936, p. 293)

Keynes (1936) ainda pontua que a substituição de uma fase ascendente por uma fase descendente se dá por meio da crise. Essa transição da alta para baixa geralmente se dá de forma repentina, porém a transição de uma fase descendente para uma fase ascendente se dá de maneira mais lenta.

Por fim, podemos trazer uma definição clara sobre estagnação econômica promovida pelo Sandroni:

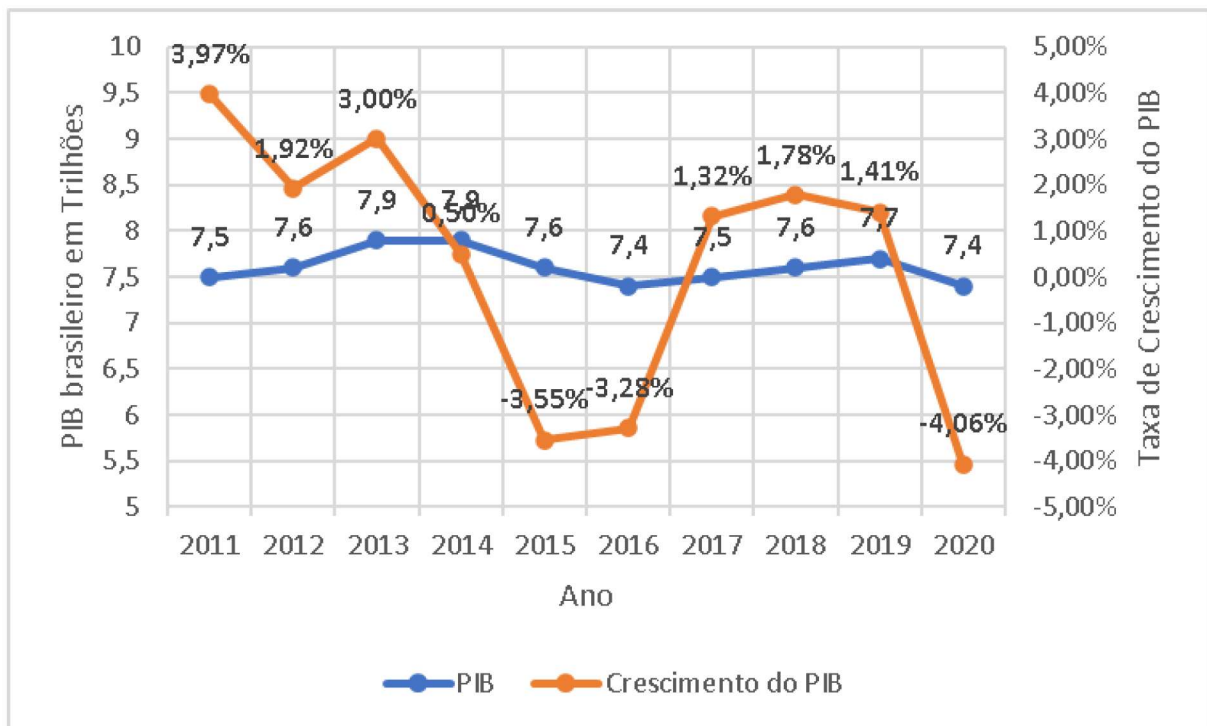
Situação em que o produto nacional (ou produto per capita) não mantém nível de crescimento à altura do potencial econômico do país. Pode ocorrer, por exemplo, que mesmo com amplo emprego dos recursos disponíveis, o índice de crescimento do produto não supere o índice de aumento da população ou até fique abaixo dele (Sandroni, 1999, p. 221)

Ainda segundo Sandroni (1999) os economistas keynesianos entendiam a tendência da economia para a estagnação como uma característica do capitalismo. Para reverter essa tendência seria necessária a intervenção do estado na economia com o objetivo de controlar juros e realizar políticas de incentivo a novos investimentos.

2.3 CRESCIMENTO ECONÔMICO DO BRASIL NO PERÍODO 2011 - 2020

Na primeira década após a virada do século o Brasil obteve um crescimento econômico médio de 3,7% ao ano (IBGE), onde no seu melhor ano, em 2010, o país obteve um crescimento de 7,53%. Já na década de 2011-2020 o melhor ano se deu em 2011 quando o Brasil obteve uma taxa de crescimento de 3,97% do PIB.

GRÁFICO 1 - PIB E CRESCIMENTO ECONÔMICO DO BRASIL NO PERÍODO 2011- 2020

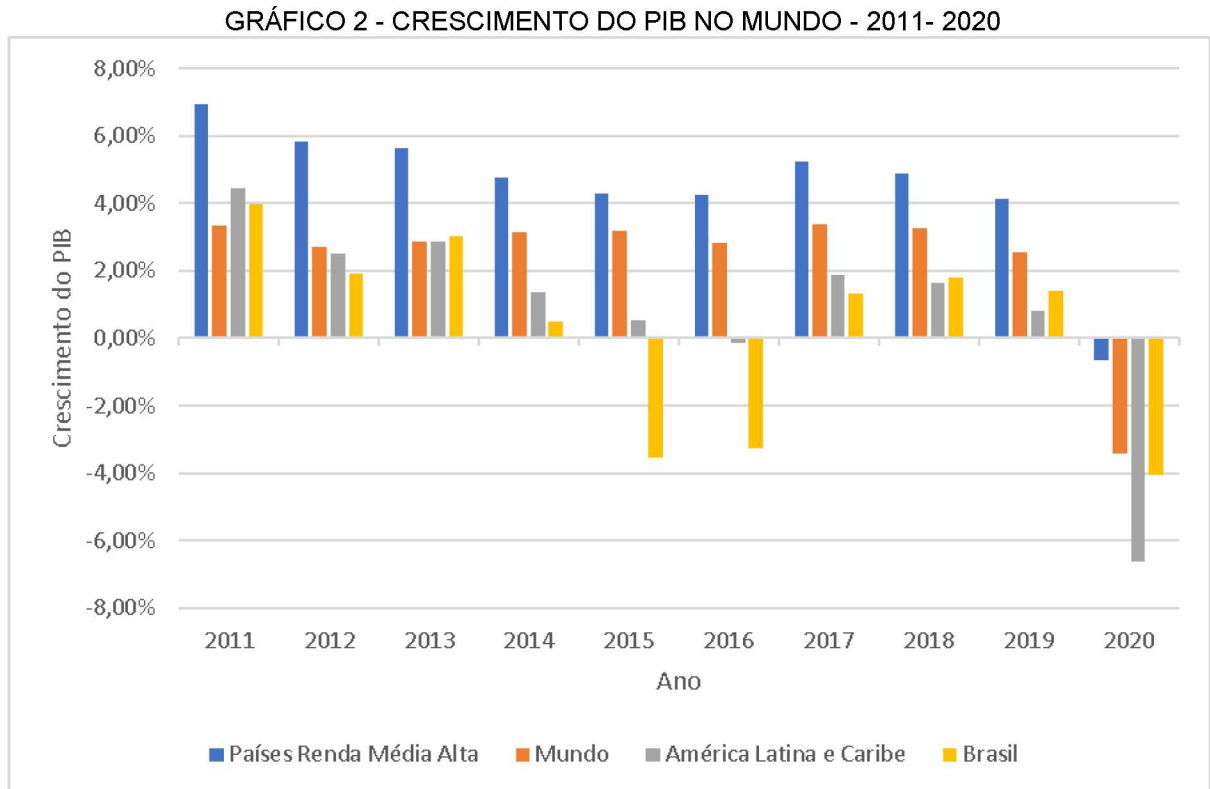


FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2021)

Posto o gráfico podemos ver que durante a última década o Brasil alternou momentos de pequeno crescimento do PIB e momentos de retração da economia o que levou a uma clara estagnação. No período analisado o país obteve taxa de crescimento médio de 0,3% ao ano. Para se ter uma base de comparação, na década de 1980 que ficou conhecida como década perdida, o país conviveu com uma taxa de crescimento média de 1,6% ao ano. Isso evidencia uma nova década perdida em termos de crescimento econômico.

Este trabalho não se propõe a discutir fatores políticos e externos que contribuíram para o mau desempenho do crescimento econômico brasileiro. Porém é inegável que o impeachment da Presidente Dilma Rousseff e mais recentemente a

pandemia do Covid-19 trouxeram muita incerteza para o cenário econômico nacional o que impulsionou o mau resultado da década.



FONTE: Elaboração própria a partir de dados do ISIC e Banco Mundial (2021)

Esse segundo gráfico nos ajuda a comparar o crescimento do PIB brasileiro com o PIB de outros agregados de países semelhantes. Dentro dos dados do Banco Mundial, o Brasil recebe a classificação econômica de país de renda média alta. A média de crescimento desses países de renda média alta na década foi de 4,52% ao ano. Já para países da América Latina e Caribe a média de crescimento foi de 0,93% ao ano. Por fim, se tratando da economia mundial, o crescimento foi de 2,38% ao ano.

Notem que o Brasil com crescimento de 0,3% ao ano na década está defasado em todas as comparações, mas principalmente com relação a outros países da mesma classe econômica.

Como um dos principais pressupostos para considerar um período de estagnação econômica é o país ter um crescimento econômico abaixo do seu potencial, o gráfico deixa claro esse cenário no Brasil.

3 A INDÚSTRIA BRASILEIRA NO PERÍODO 2011 - 2020

A indústria brasileira sempre teve papel crucial para o crescimento econômico do país. Através dela é possível ter transbordamento da demanda por outros processos produtivos, o que gera uma cadeia de produção e de empregos formais.

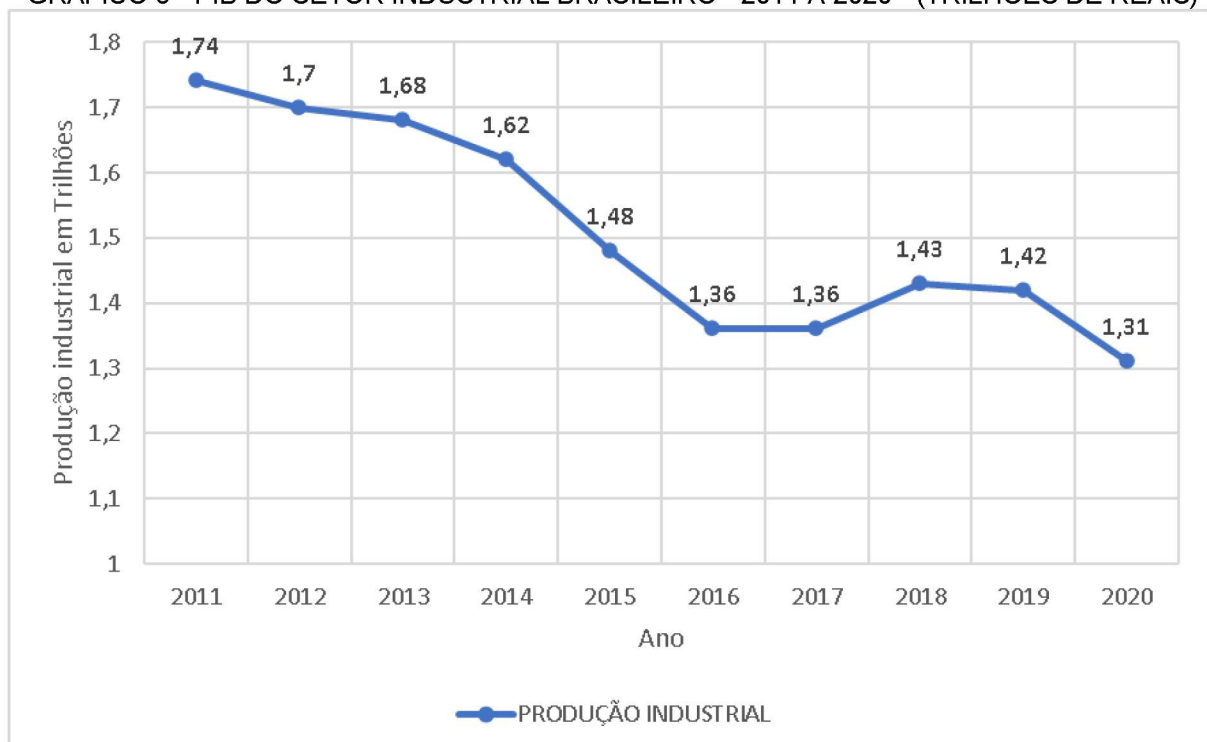
Podemos citar como ponto de virada para nossa indústria a década de 1930, com políticas de desenvolvimento voltada para esse setor promovidas inicialmente pelo governo Vargas. Mais tarde Juscelino Kubitschek também daria grande contribuição. Marcado como governo desenvolvimentista, ele entendia que a modernização do país se daria pelo desenvolvimento industrial.

Com essas políticas industriais o Brasil chegou a ver esse setor representar quase 50% da composição do PIB, cenário bem diferente do que veremos a seguir.

3.1 DESEMPENHO DO SETOR INDUSTRIAL NO PERÍODO 2011 - 2020

Para os indicadores de contas nacionais o IBGE destrincha o setor industrial em quatro subsetores. São eles: Indústria Extrativa; Indústria de Transformação; Eletricidade e gás, água esgoto e atividade de gestão de resíduos e Construção.

GRÁFICO 3 - PIB DO SETOR INDUSTRIAL BRASILEIRO - 2011 A 2020 - (TRILHÕES DE REAIS)



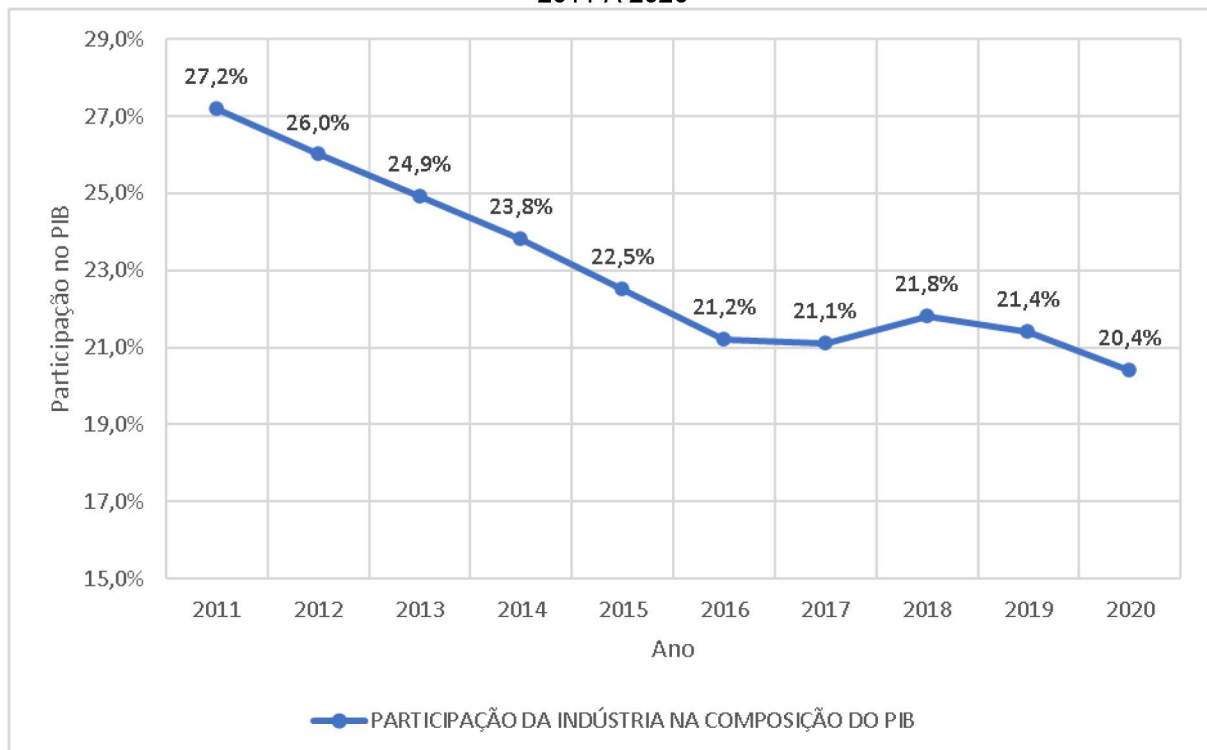
FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE e do Banco Central (2021)

No gráfico 3 é possível ver como o PIB industrial teve uma tendência de queda desde seu primeiro ano, passando de uma importância de 1,74 Trilhões de Reais em 2011 para o valor de 1,31 Trilhões de reais em 2020. Isso representa uma contribuição 24,7% menor no final da década.

Estudo de 2020 da Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostra como a indústria nacional vem perdendo relevância no mundo, principalmente nessa última década, porém a queda vem desde 2009. A participação na indústria mundial caiu de 1,24% em 2018 para 1,19% em 2019, ocupando a 16ª posição no mundo.

O desempenho das exportações da indústria de transformação também mostra queda, recuando para 0,88% da participação global, igualando índices de 1999, o menor da série histórica. A caráter de comparação, o México obteve participação de 2,58% e a China 29,67% no mercado mundial.

GRÁFICO 4 - PARTICIPAÇÃO DO SETOR INDUSTRIAL NA COMPOSIÇÃO DO PIB BRASILEIRO - 2011 A 2020

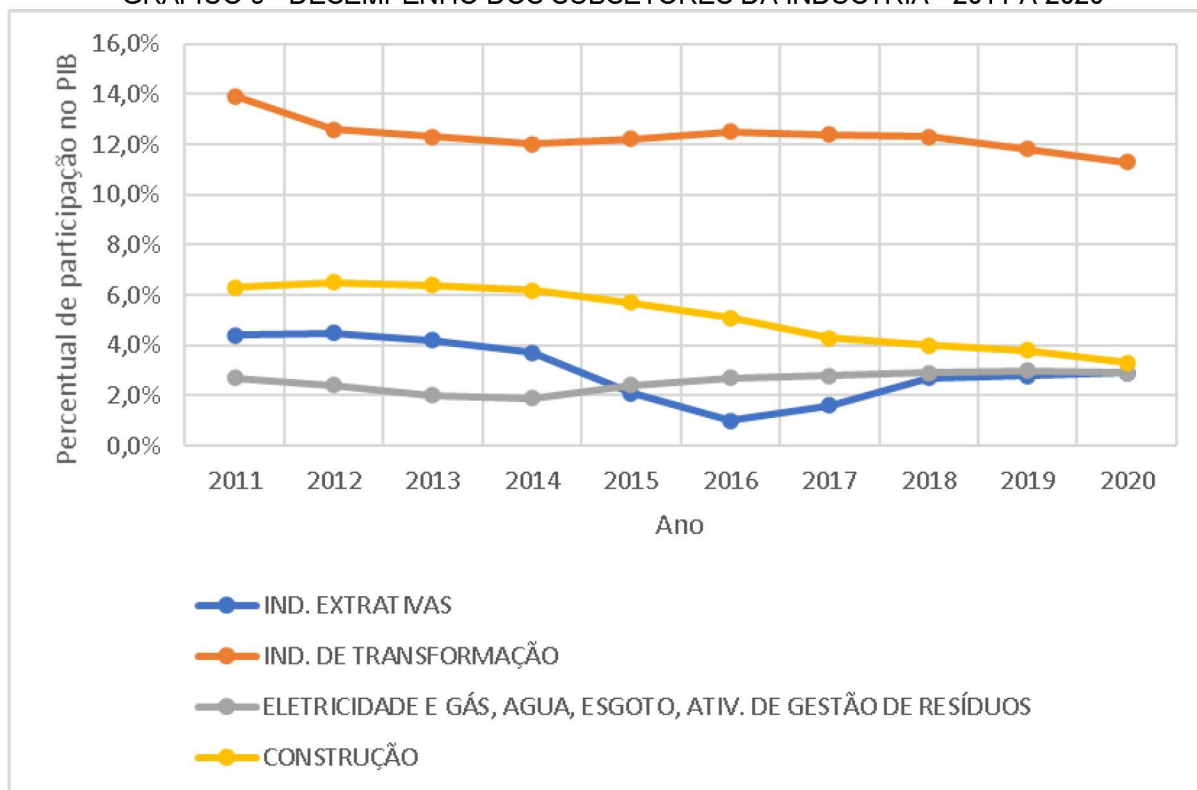


FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE e do Banco Central (2021)

No gráfico 4 podemos notar a queda de participação e da importância do setor industrial na composição do PIB brasileiro. Se em outros tempos o setor já representou mais de 40% do produto interno, atualmente representa apenas 20,4%. Considerando

o período de análise, de 2011 a 2020 a Indústria diminuiu em 25% sua participação, corroborando com o indicador que mostramos referente ao gráfico 3.

GRÁFICO 5 - DESEMPENHO DOS SUBSETORES DA INDÚSTRIA - 2011 A 2020



FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE e do Banco Central (2021)

Para se aprofundar no problema do desempenho da indústria, podemos analisar o desempenho desse setor de forma destrinchada. Quase todos os subsectores industriais perderam participação no PIB brasileiro.

A indústria de transformação, responsável pela maior parte da contribuição, passou de uma participação de 13,9% em 2011, para 11,3% em 2020, representando uma queda de 18,7% na sua participação. As indústrias extrativas junto com o setor de construção sofreram as maiores quedas. O primeiro passou de uma participação de 4,4% para 2,9%, o que representa uma queda na participação de 34,1% na década, já o segundo passou de 6,3% para 3,3% que indica uma redução de 47,6% da sua participação na composição do produto interno. O único subsector industrial que obteve aumento de participação no período foi eletricidade e gás, água, esgoto, atividade de gestão de resíduos, saindo de 2,7% para 2,9% ao final do período, um pequeno aumento de 7,4% da sua participação no período.

Através dessa análise podemos perceber que se trata de um choque para todo o setor industrial e não apenas em setores específicos. Precisamos posteriormente analisar se essa redução do PIB do setor industrial também ocorreu nos demais setores da economia.

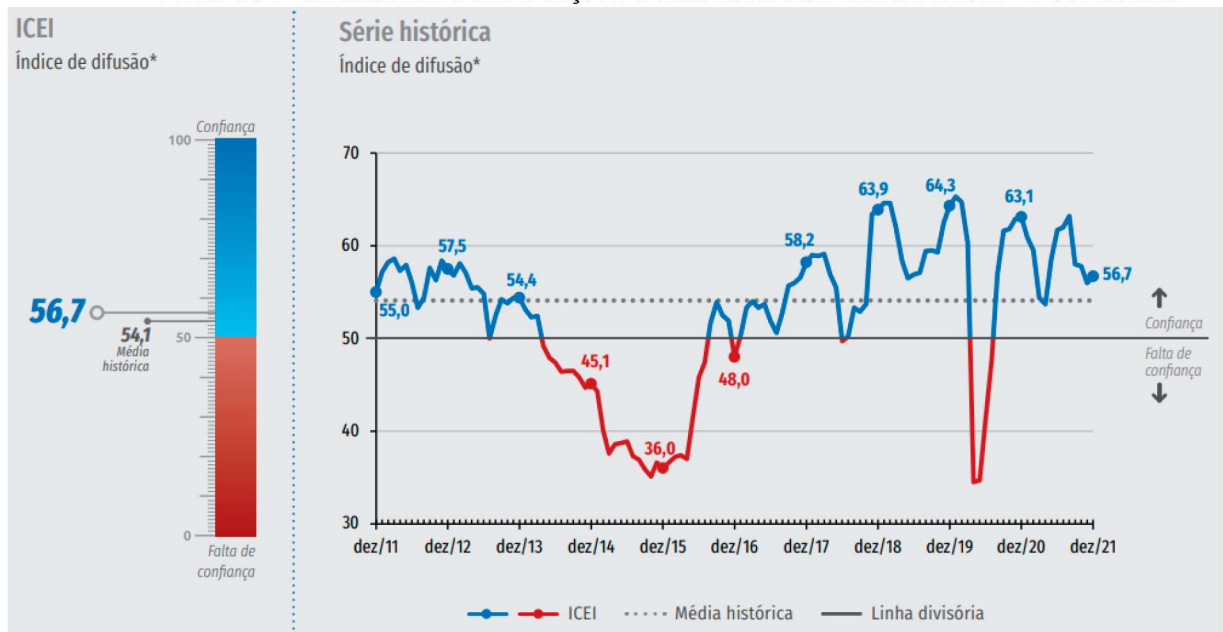
3.2 INDICADORES INDUSTRIAIS

Uma outra ótica que podemos ter para analisar o estado da economia nacional e o desempenho industrial é sob a expectativa e confiança do empresário nesse setor. Através dessa confiança podemos entender o quanto o empresário está disposto a arriscar o seu capital na abertura de empresas e investimento na produção de bens.

Para Keynes as políticas econômicas devem incentivar a expectativa dos empresários, essas políticas devem corroborar com seus argumentos de que se está em um bom momento para se investir, dessa forma o empresário tem um melhor estado de confiança e logo injeta capital na economia (Filho; Terra, 2011)

No Brasil a CNI é a responsável por medir a confiança do empresário através do ICEI (Índice de Confiança do Empresário Industrial).

FIGURA 1 - ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL – 2011 a 2021



Fonte: CNI, Índice de confiança do empresário industrial, 2021, p.1.

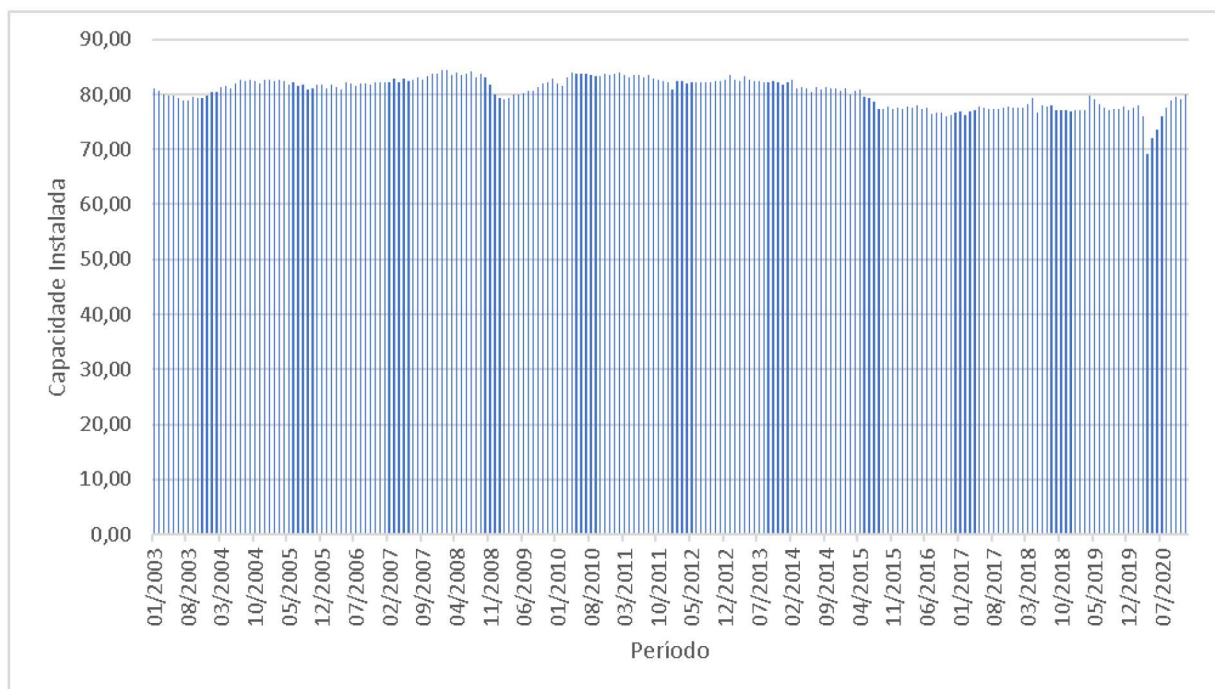
Esse índice varia de 0 a 100, sendo que valores acima de 50 indicam confiança do empresário e quanto mais alto, maior a confiança do empresário.

Podemos notar através desse indicador que em vários anos da década de 2011 o empresário teve uma confiança menor do que a média histórica de 54,1 pontos. Após a crise política ocorrida no Brasil entre os anos de 2014 e 2016 o índice mostra que os empresários haviam recuperado a confiança no setor a partir de 2017, essa confiança se mostrou alta até meados de 2019 quando houve uma queda brusca. Os momentos onde esse empresário teve menor confiança foi em 2014, 2015, 2016 e mais recentemente entre 2019 e 2020. Em 2021 podemos ver uma melhora da confiança e expectativa do empresário com o setor industrial, ficando novamente acima da média histórica.

Ainda tratando de indicadores que nos ajudam a entender o desempenho do setor, a CNI divulga mensalmente o Indicador de Capacidade Instalada da indústria de transformação.

Esse é um indicador que se refere a produtividade da indústria, ele relaciona o nível de atividade produtiva da empresa em determinado período com o seu potencial máximo de produção. Dessa forma ele nos ajuda a entender o quão produtivo e aquecido este setor está. Se o indicador apresenta uma piora ou níveis mais baixos de capacidade instalada do que o histórico ou o período anterior, isso nos sinaliza um pessimismo por parte da indústria com a demanda que está sendo gerada.

GRÁFICO 6 – CAPACIDADE INSTALADA DA INDÚSTRIA – 2003 A 2020

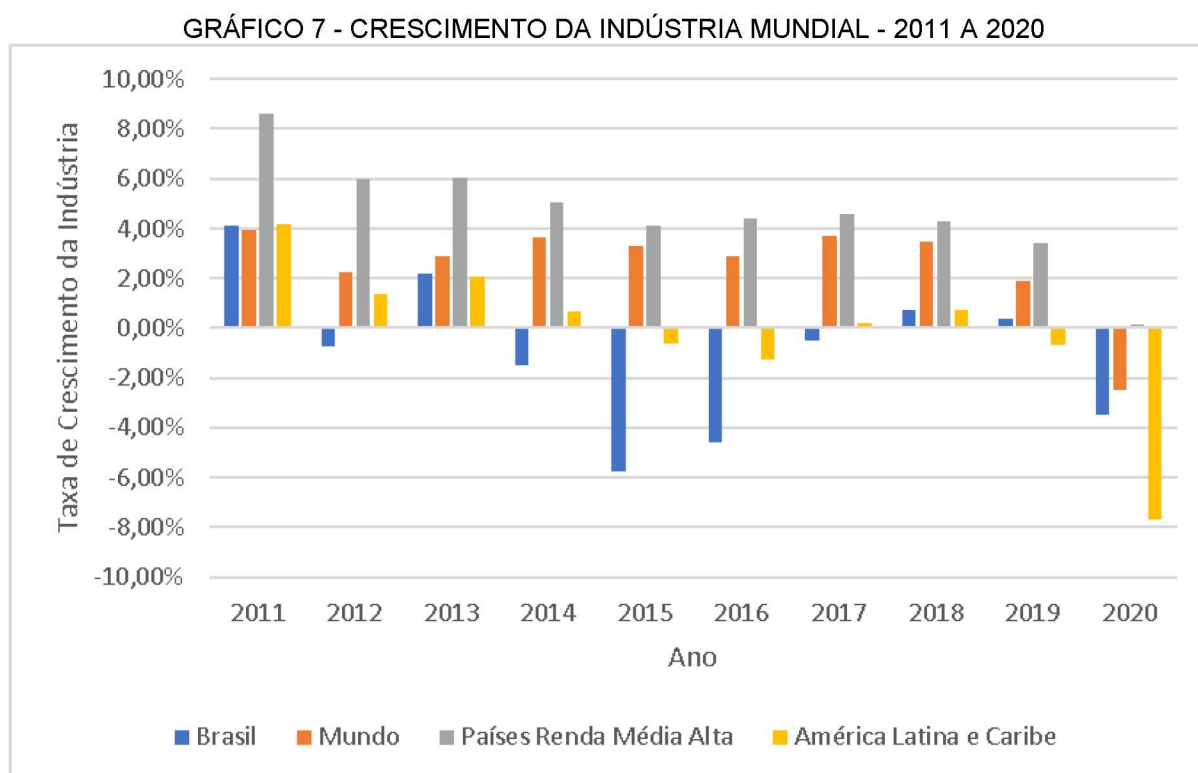


FONTE: Elaboração própria a partir de dados da CNI (2021)

O gráfico 6 nos mostra o histórico de capacidade instalada de 2003 a 2020. Nesse período conseguimos notar que a capacidade da indústria brasileira gira sempre em torno de 80% do seu potencial máximo. Conseguimos identificar também que houve uma baixa da capacidade instalada na década de 2011 quando comparada com a década de 2001. Segundo os dados, essa diminuição da capacidade instalada se deu a partir de 2015, e teve entre 2019 e 2020 seu pior desempenho, trabalhando com cerca de 70% da capacidade máxima. No entanto, desde então é possível ver uma recuperação rumo à tendência histórica de trabalhar em 80% da capacidade máxima.

É importante dizer que essa diminuição da capacidade instalada é gerada pela diminuição da necessidade de produção da indústria. Conseqüentemente, esse movimento de diminuir a capacidade de produção se traduz em aumento do desemprego, diminuição do bem-estar social e atraso no crescimento econômico.

3.3 SETOR INDUSTRIAL BRASILEIRO VERSUS SETOR INDUSTRIAL MUNDIAL



Assim como fizemos com o crescimento do PIB, podemos analisar o crescimento da indústria durante o período 2011 a 2020. Com o gráfico 7 fica claro

que a indústria brasileira não conseguiu acompanhar a tendência de economias semelhantes e também a economia mundial. Inclusive, segundo os dados do Banco Mundial, dentro dos setores analisados, o que obteve melhor desempenho foram os países de renda média alta, com crescimento de 46,6% no período. Já considerando a indústria mundial o crescimento foi de 25,5%. O Brasil viveu um cenário de encolhimento da sua indústria da ordem -9,17% no período. Assim como o Brasil, o crescimento da indústria dos países da América Latina e Caribe foi negativo -1,07%.

O gráfico também nos ajuda a visualizar o quanto prejudicado foi o setor industrial no período de 2015 e 2016, onde o país conviveu com uma crise política e de incertezas para o investidor.

4 ANÁLISE DO SETOR INDUSTRIAL SOBRE O PIB

Constatou-se através da pesquisa que de fato o Brasil viveu uma de suas piores décadas em termos de crescimento do produto interno bruto, possuindo médias de crescimento anual piores do que a chamada década perdida de 1980. Houveram momentos de fortes retrações nos anos de 2015, 2016 e 2020. Nos dois primeiros anos, principalmente pela incerteza política que existia na época, já no ano de 2020 o impacto foi causado pela crise do COVID-19 assim como toda a economia global. Com o histórico de crescimento de 0,3% ao ano ficou claro o estado de estagnação da economia no período, principalmente quando comparamos com o crescimento de países com capacidade econômica similar que cresceu em média 4,52% ao ano.

Com relação à produção industrial, os números confirmam o cenário de retração vivido por esse setor na década, chegando ao final de 2020 contribuindo 24,7% a menos do que no início da mesma década.

Quando analisamos os subsetores dentro do setor industrial, o destaque negativo ficou por conta do setor de construção que terminou a década contribuindo praticamente 50% do que contribuiu no início do período analisado. O único setor que registrou uma ligeira evolução na participação do PIB foi o setor de eletricidade, gás, esgoto, atividade de gestão de resíduos, saindo de 2,7% em 2011, para 2,9% em 2020.

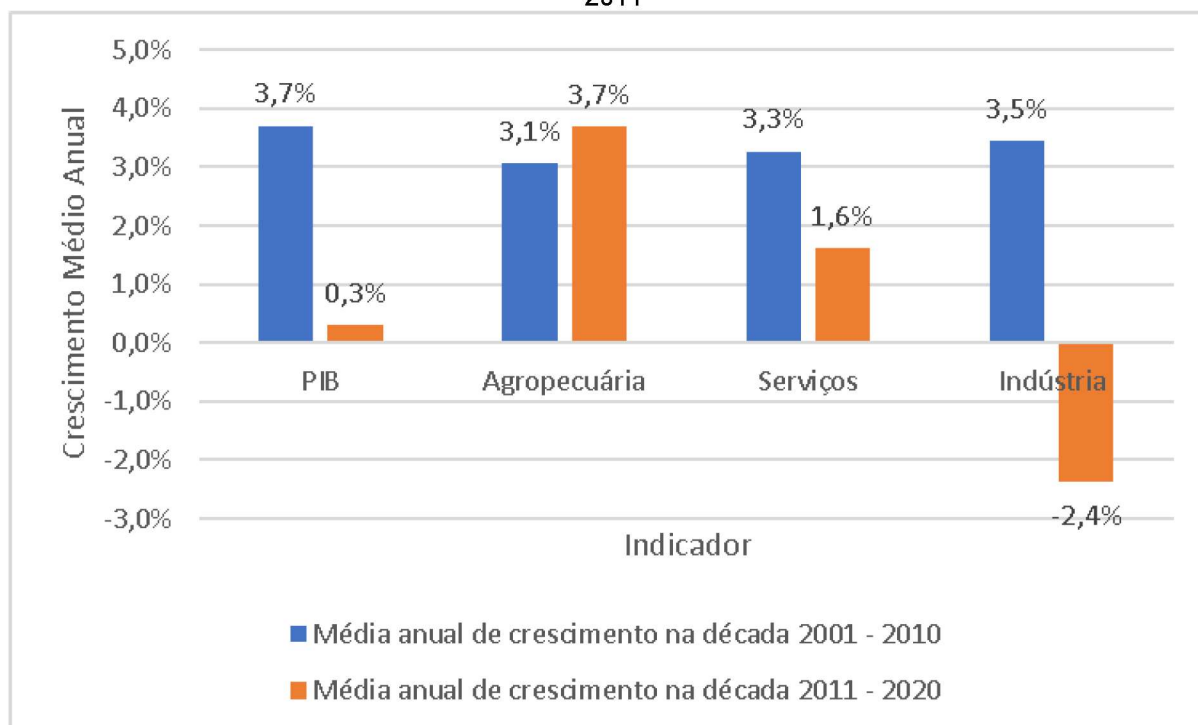
Pelos indicadores de atividade e produção industrial apresentados com dados extraídos da CNI, também é possível ver uma piora com relação à década anterior tanto no indicador de confiança empresarial, quanto no indicador de capacidade

instalada da indústria. Isso se deu principalmente no período entre 2014 e 2016, onde houve uma perda de confiança muito forte por parte dos empresários e conseqüentemente aconteceu a diminuição da capacidade instalada da indústria, que trabalhou abaixo dos níveis de 80% que eram comuns até então.

Averiguou-se que a taxa de crescimento da indústria brasileira ficou muito aquém quando comparada com a indústria mundial e quando comparada com países de potencial econômico similar ao brasileiro. Enquanto o setor industrial dos países semelhantes ao Brasil na ótica do Banco Mundial cresceu em média 4,66% ao ano na última década, o Brasil apresentou crescimento negativo médio de -0,92%.

Esses dados por si só já nos dão sinais de que ele contribuiu bastante para o movimento de estagnação do país no período analisado. Porém é preciso fazer uma análise dos outros setores da economia para checar se esse setor foi o único responsável por essa estagnação.

GRÁFICO 8 – COMPARAÇÃO DO CRESCIMENTO DOS SETORES NAS DÉCADAS DE 2001 E 2011



FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE e do Banco Central (2021)

O gráfico 8 nos ajuda a comparar o desempenho dos setores da economia e verificar se o setor industrial é de fato o único responsável pela estagnação do crescimento do PIB. Se tratando da última década, o setor Agropecuário obteve crescimento do produto na ordem de 3,7% ao ano. Já o setor de serviços, setor esse

que possui maior participação na composição do PIB, teve incremento de 1,6% no seu resultado na última década.

O crescimento da produção desses dois setores mostra que eles não ganharam uma maior participação no PIB apenas pela diminuição da importância da indústria, mas sim pela evolução do seu resultado. Por outro lado, é natural que parte do recurso que estava alocado na indústria seja destinado aos outros setores o que contribui no crescimento do PIB de outros setores.

Quando comparamos os resultados da última década com o período de 2001 a 2010 fica ainda mais claro o impacto do resultado negativo do setor industrial. Embora o setor de serviços tenha desacelerado o crescimento de 3,3% para 1,6% ao ano e contribuído para que o crescimento do PIB fosse pífio na última década, os dados sinalizam que o setor industrial de foi de fato o setor responsável pelo cenário de estagnação do crescimento econômico.

Uma última análise que podemos fazer é que não podemos de forma alguma creditar o mau desempenho na pandemia vivida em 2020. Em condições normais, o Brasil precisaria ter um aumento do PIB na casa de 9% neste último ano para encerrar a década com crescimento parecido com a década perdida de 1980, o que é uma utopia para nosso contexto atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indústria brasileira que até 2014 figurou entre as dez maiores do mundo, em 2020 ocupou a 16ª posição (CNI, 2020). Isso nos mostra o quanto esse setor vem perdendo competitividade no mercado mundial, principalmente para economias semelhantes como verificado no trabalho. Essa perda de competitividade vem impactando diretamente no crescimento do PIB e na renda do brasileiro. Com isso, faz-se necessário um olhar mais atento a esse setor por parte do estado, no sentido de promover ações de incentivo para o setor voltar a crescer.

Este trabalho teve como objetivo analisar o desempenho do setor industrial brasileiro no período de 2011 a 2020, entender sua contribuição para o crescimento econômico brasileiro na década e averiguar se esse setor foi o maior responsável pelo baixo desempenho do país, caracterizado por uma estagnação. Podemos considerar que esse objetivo foi atingido, visto que estamos saindo com a conclusão de que o desempenho industrial foi bastante ruim durante a última década, tendo reduzido em aproximadamente 25% sua participação na composição do PIB. Com esse desempenho aquém do potencial, verificado quando comparado com a década passada e com outras economias, também foi sinalizado que ele foi o principal responsável pelo cenário de estagnação do crescimento econômico, visto que os outros setores da economia tiveram avanço.

Sobre as limitações para essa pesquisa, houve uma dificuldade de se trabalhar em alguns momentos com duas fontes de dados diferentes para o mesmo indicador. Os dados sobre o crescimento industrial do International Standard Industrial Classification (ISIC), dispostos pelo Banco Mundial, se apresentavam levemente diferente dos dados do IBGE, porém nada que prejudicasse o resultado da análise. Pode-se agregar um novo estudo analisando o desempenho industrial pela ótica das exportações e da intensidade tecnológica. Dessa forma pode ser constatado qual o desempenho da indústria de transformação no cenário mundial, se o Brasil ficou mais dependente de produtos de alta tecnologia e que tipo de indústria de transformação vem ganhando espaço.

O abatimento demonstrado pela indústria nessa última década é um fator extremamente preocupante para o futuro do Brasil. A conclusão geral desta análise é que se faz extremamente necessário políticas industriais que voltem a incentivar o

setor, para que com isso voltemos a ter de fato um crescimento econômico compatível com nossa estrutura econômica.

REFERÊNCIAS

- BANCO CENTRAL, SGS – Sistema Gerenciador de Séries Temporais – v2.1. Disponível em: <<https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>>. Acesso em: 01 dez. 2020.
- CARNEIRO, D. M.; BAGOLIN, I. P. Abordagens acerca da relação crescimento econômico, desigualdade e pobreza. Revista Cadernos de Economia, Chapecó, v. 16, n. 30-31, p. 05-20, dez. 2012
- CARVALHO, F. J. C. A relação entre curto e longo períodos nas principais correntes teóricas de economia. Crescimento Econômico: Estratégias e Instituições. Rio de Janeiro: Ipea, 2009.
- CONCEIÇÃO, O. A. C. A dimensão institucional do processo de crescimento econômico: inovações e mudanças institucionais, rotinas e tecnologia social. Economia e Sociedade, Campinas, SP, v. 17, n. 1, p. 85–108, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8642803>. Acesso em: 5 dez. 2021.
- CNI, Desempenho da indústria no mundo. ISSN 2674-8975 - Ano 4 - Número 1 - Agosto 2020. Disponível em: <<https://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/desempenho-da-industria-no-mundo/>>. Acesso em: 06 dez. 2020.
- CNI, Indicadores Econômicos CNI. ICEI – Índice de Confiança do Empresário Industrial. ISSN 1676-2029. Ano 23. Número 12, dezembro 2021. Disponível em: <<https://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/icei-indice-de-confianca-do-empresario-industrial/#:~:text=O%20ICEI%2C%20como%20um%20indicador,Industrial%20e%20Ind%3%BAstria%20da%20Constru%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 12 de dezembro 2021
- CNI, Indicadores CNI. Disponível em: <<http://www6.sistemaindustria.org.br/gpc/externo/listaResultados.faces?codPesquisa=100>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2021
- FERREIRA, H. M. C. A consistente relação entre a internet e a teoria dos longos ciclos econômicos de Kondratieff, inserida na teoria do desenvolvimento de Schumpeter. Monografia de graduação (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009
- FILHO, F. F.; TERRA, F. As disfunções do capitalismo na visão de Keynes e duas proposições reformistas. Rev. Econ. Contemp., Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 271-295, mai-ago/2011

IBGE, Contas Nacionais Trimestrais. Indicadores de Volume e Valores Correntes. Jan.-Mar. 2021. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=72121>>. Acesso em 06 dez. 2021

IBGE, Contas Nacionais Trimestrais. Indicadores de Volume e Valores Correntes. Outubro / Dezembro 2010 Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=72121>>. Acesso em 06 dez. 2021

INDUSTRIA BRASILEIRA, Perfil da Indústria brasileira. Disponível em: <<https://industriabrasileira.portaldaindustria.com.br/#/industria-total>>. Acesso em 06 dez. 2021

KEYNES, J. M. A teoria geral do emprego, do juro e da moeda.; tradução Manuel Resende; revisão técnica Alda Couto. – São Paulo: Saraiva, 2012.

LIMA, E. C.; LIMA, E. P. C.; EVAS, I. M.; TEIXEIRA, M. S. G. Teoria da base de exportação e sua relação com o desempenho econômico: o caso do estado de Santa Catarina. Textos de Economia, Florianópolis, v.16, n.1, p.95-116, jan./jun.2013.

MOURA, R. G. T.; CRUZ, H. N. Teoria do crescimento endógeno e a inovação tecnológica no Brasil. Revista de Administração e Inovação, São Paulo, v. 10, n.3, p.230-250, jul./set. 2013.

MOURA, C. F. L.; XAVIER, M. G. P.; SILVA, A. R. C. As fontes de crescimento econômico e uma análise empírica da economia da coreia do sul. Revista Contemporânea de Economia e Gestão. Vol. 9 - Nº 2 - jul/dez 2011.

OREIRO, J. L. C. Novo-desenvolvimentismo, crescimento econômico e regimes de política macroeconômica. estudos avançados 26 (75), 2012

PIFFER, M. A teoria da base econômica e o desenvolvimento regional do estado do Paraná no final do século XX. Santa Cruz do Sul, 2009.

PRADO, E. F. S. Das explicações para a quase estagnação da economia capitalista no Brasil. Revista de Economia Política, vol. 37, nº 3 (148), pp. 478-503, julho-setembro/2017

ROMER, P. M. The Origins of Endogenous Growth. Journal of Economic Perspectives—Volume 8, Number 1—Winter 1994—Pages 3–22.

SALM, C. Estagnação econômica, desemprego e exclusão social. Novo-Desenvolvimentismo, Rio, p. 189-216, 2005

SANDRONI, P. Novíssimo Dicionário de Economia, São Paulo: Best Seller, 1999.

SOUZA, L. F. Crescimento e estagnação: os limites da política econômica brasileira do século XXI. Revista de Estudos Sociais. Ano 2014, N. 32 Vol 16, p. 205

THE WORLD BANK. World Bank national accounts data, and OECD National Accounts data files.

<<https://data.worldbank.org/indicator/NV.IND.TOTL.KN?view=map>>. Acesso em 6 dez. 2021